

SUMÁRIO

5.	ALGUNS PADRÕES DE DISCIPULADO NO MINISTÉRIO DE JESUS	1
5.1.	Jesus e sua relação com as multidões, os doze, os três e o amado	2
5.2.	O chamado sem explicações	4
5.3.	O chamado com explicações	5
5.4.	Altos níveis de exigência.....	6
5.5.	Sinais e maravilhas diante dos apóstolos.....	7
5.6.	Envio e concessão de poder espiritual e autoridade	9
5.7.	Chocando com a realidade	10
5.8.	Repreendendo e encorajando.....	13
5.9.	Suportando a lentidão no aprendizado.....	15
5.10.	Delegando e confiando sem temor	17
5.11.	A ordem de fazer novos discípulos	20
5.12.	Sigam o Profeta! Sigam o Sacerdote! Sigam o Rei!	21
5.13.	Jesus não seria um líder contemporâneo bem visto	23

5. ALGUNS PADRÕES DE DISCIPULADO NO MINISTÉRIO DE JESUS

Estamos separando esta seção para que possamos aprender com o que já levantamos de informações nos Evangelho a partir de Jesus com o propósito de compreendermos um pouco mais de suas características como discipulador. Com certeza faltará algo em nossa abordagem, mas procuraremos ser o mais completo possível. Jesus tinha uma dinâmica sem igual por conhecer com precisão o coração de cada daqueles que chamou e da forma como deveria tratar com cada um dele. Ele tinha homens mais iletrados como Pedro, mas tinha homens mais bem preparados como Mateus. Alguns eram impulsivos e com sentimentos e ações vingativas como João e Tiago, mas todos apresentavam alguma dificuldade e com elas já aprendemos muitas coisas anteriormente. Agora vamos dar um olhar um

pouco mais estratégico na maneira com Jesus chamou e preparou cada um deles. Com certeza temos muito para aprender.

5.1. Jesus e sua relação com as multidões, os doze, os três e o amado

Como pudemos observar anteriormente, Jesus no Sermão da Montanha, e em diversos momentos de sua vida, como na multiplicação dos pães, estava sempre rodeado de uma grande multidão. Esta multidão não representava de fato um grupo realmente comprometido com Ele e com seus ensinamentos. Após seu período de grande popularidade, quando fez grandes sinais e curou muita gente, Jesus começou a estreitar e aprofundar seus ensinamentos causando o abandono de muitos de seus seguidores. Ele mesmo advertiu que muitos o seguiam por causa do pão que comeram e não por causa dos sinais que viram e que sinalizavam a presença do Reino de Deus e a necessidade de um maior comprometimento daqueles que o seguiram. Chegou a perguntar aos seus discípulos se eles também o abandonariam, o que foi negado.

Quanto aos doze, sabemos que eles foram escolhidos a partir de um grupo maior que já o seguia desde o começo de seu ministério. Estes doze estariam diariamente com ele, veriam seus milagres e receberiam o ensino adequado a ser transmitido. Estes homens participantes e integrantes deste grupo tão seleto de seguidores foi chamado de apóstolos e, como já discutimos anteriormente, o grupo apostólico ficou limitado àqueles e a inclusão tardia de Matias e de Paulo.

Quando falamos de três fazemos referências a Pedro, João e Tiago que estavam com Jesus em momentos mais íntimos e espetaculares, como por exemplo, no monte da transfiguração. Pedro era o porta-voz do grupo apostólico e diversas vezes ele esteve à frente de debates e declarações. À mesa da última ceia perguntaram sobre quem seria o traidor e a resposta foi dada.

No entanto, somente o Apóstolo João é conhecido como o discípulo amado. Nos últimos capítulos do Evangelho de João temos a presença deste personagem que a princípio não tem um nome específico, mas é chamado “o discípulo amado de Jesus”. Ele aparece nos momentos cruciais nos quais se realiza a *hora de Jesus*,

isto é, os acontecimentos ligados à sua paixão e à sua morte para estar junto ao Pai. O encontramos em 13.23-25, durante a última ceia, quando deita a cabeça sobre o peito de Jesus e lhe pergunta quem é o discípulo que deve traí-lo. Em João 19.26-27 ele se encontra ao lado de Maria quando Jesus pede para que ela lhe seja por mãe. Em João 20.2-10 o discípulo amado se encontra com Pedro, quando Maria Madalena comunica que Jesus não está no sepulcro. Junto com Pedro corre para o sepulcro, chega primeiro, mas fica fora e só entra depois. Dele se diz que “viu e acreditou”. Em João 21.7, quando Jesus ressuscitado aparece junto ao lago de Tiberíades enquanto os discípulos pescam, é ele que sugere a Pedro que se trata do Senhor. Em 21.20-23 segue Jesus e Pedro e sobre ele o Senhor diz que ficará até que Ele voltará. Em 21.24 se diz que o discípulo amado é o discípulo que testemunhou os acontecimentos e que os escreveu. O seu testemunho era verdadeiro porque estava fisicamente presente, também embaixo da cruz e no sepulcro, quando viu e acreditou.

Muito mais do que apresentar um estatística, coisa que não é de fato possível, queremos destacar que Jesus tinha uma dinâmica diferente de relação em seus círculos maiores e menores. Para cada um deles dispensou um jeito diferente.

É impossível manter o mesmo relacionamento de discipulado ou mesmo de amizade com grupos grandes. Pastores às vezes se afadigam tentando dar tratamento igualitário a grandes grupos de pessoas. Não temos a mesma capacidade de Jesus e nem mesmo sua visão das coisas, mas de igual modo devemos reconhecer estas diferenças e conviver com elas.

É necessário reconhecer as diferentes relações que temos no reino. Jesus praticamente está sozinho em sua crucificação quando comparamos o número de pessoas presentes na primeira parte de seu ministério.

É por este motivo, por exemplo, que em igrejas e em grupos maiores é necessário reconhecer os dons ligados ao pastoreio e administração para que todos possam receber tratamento e cuidado adequado. Por isto, também, é necessário algum tipo de ministério que reúna semanalmente ou quinzenalmente em grupos

menores. A reunião da multidão também é necessária para o culto público e para a unidade da igreja em torno de um padrão minimamente estabelecido.

5.2. O chamado sem explicações

Como no caso de Mateus, ou Levi, vimos que Jesus simplesmente o chamou e este prontamente o atendeu. Devemos supor, evidentemente, que Jesus não ficou sem se comunicar com Levi não o informando a respeito do Reino e do discipulado. Devemos lembrar, também, que no mesmo dia em que Levi foi chamado, Jesus participou de um jantar em sua casa onde se referiu como aquele que fora enviado aos doentes.

Obviamente, mesmo depois de alguns anos de convívio intenso com os discípulos, os mesmos discípulos ainda tinham dúvidas a respeito da vida e da ressurreição de Jesus e também se mostraram muito confusos em relação à extensão da salvação aos gentios, isto muitos anos após a ressurreição. O processo de crescimento e aprendizado jamais encerra.

Apesar de conhecermos pelo livro de Atos no seu capítulo 9 a conversão de Paulo, não estamos certos de que ele prontamente teve a informação de que sofreria pelo Evangelho e que levaria a mensagem da salvação a lugares distantes do mundo gentio. É mais fácil imaginar e defender a ideia de que, mesmo tendo sido informado de sua tarefa, o apóstolo Paulo compreendia sua tarefa à medida que também a desenvolvia.

Mesmo aqueles raros discípulos que sabem desde o início de sua caminhada qual é o seu chamado específico, devem desenvolver ao longo de sua vida o melhor entendimento e capacitação para sua tarefa. A jornada espiritual de um discípulo não é uma tarefa que exija apenas do entendimento e da mente, mas igualmente de sua experiência e vivência, assim como da construção de seu relacionamento com o próprio Cristo. Mesmo que haja alguma luz a este respeito, sempre há muito que aprender e a desenvolver.

5.3. O chamado com explicações

Sempre exaltamos o chamado de Levi, por exemplo, porque o seu chamado foi um simples: venha e siga-me! Mas, mas nós esquecemos que a Pedro e André Jesus disse que os faria pescadores de homens (Mt 4.18). O mesmo aconteceu a Paulo (At 9.16). O conhecimento do coração do homem e o conhecimento específico do coração das pessoas permitia a Jesus decidir pela abordagem correta com cada um. Muitas das conversas com seus discípulos diretos foram claras e sem chances para o surgimento de dúvidas. Mesmo com pessoas que não se identificariam com o discipulado tão direto como os apóstolos, Jesus ainda sim foi objetivo e direto.

Suas abordagens incluem o entendimento espiritual da fé como no caso de Nicodemus em João 3. Este se mostrou atento ao fato de que Jesus era enviado de Deus pelo que fazia, mas mostrou-se pouco aberto a compreender a respeito do novo nascimento. Jesus chega a lamentar o fato de que Nicodemus se mostrava incapaz de compreender coisas terrenas, mas estava desejoso para compreender as coisas do céu. Talvez tenhamos aqui uma ordem de prioridades estabelecida. O discípulo deve compreender as coisas espirituais imediatas, ou seja, aquelas que dizem respeito a esta vida, como nascer do novo da água e do Espírito.

Quando Jesus aborda a mulher samaritana no poço de Jacó, ele está decidido a se revelar àquela mulher e lhe exigir que abandone seus pecados (os muitos casamentos e a atual condição de amasiada) e o siga como o Messias prometido. Não temos relato do que aconteceu com ela posteriormente, mas podemos imaginar que ela passou por uma mudança de vida. É digno de nota que ela procurou seus conterrâneos samaritanos e os convidou a conhecer Jesus, o que fizeram com prazer e fé.

Temos os casos de Apolo, Áquila, Priscila, Timóteo, Tito, Lucas, entre outros, que prontamente seguiram a Jesus pela pregação dos apóstolos e dão claro testemunho de que estavam conscientes de sua obra missão à luz do seu chamado e à luz do padrão estabelecido por Jesus e comunicado pelos apóstolos.

O sermão do Monte, as várias conversas e sermões públicos de Jesus, as duas multiplicações dos pães, seus debates públicos eram também evidências antecipadas dos desafios que seus seguidores viveriam, tanto daqueles que já o seguiam como daqueles que viriam a segui-lo. Ainda que os detalhes do chamado de cada fiquem mais claros somente a medida em que a fé se desenvolve, sabemos que as linhas gerais sempre estão presentes no próprio chamado começando pelo perdão dos pecados, a liberação da culpa e de qualquer condenação indo ao chamado para deixar tudo para trás e seguir Jesus.

5.4. Altos níveis de exigência

O sermão do Monte, que preconiza os fundamentos da vida cristã e de onde podemos subtrair os elementos essenciais para a teologia da vida cristã, é também um compêndio de exigências jamais pensadas. Os valores do Reino exigidos por Jesus são tão elevados que alguns pensadores modernos e pós-modernos chegam a afirmar que se Jesus tivesse vivido um pouco mais teria reavaliado as exigências. O que os tais não levam em consideração é que, juntamente com os altos níveis de exigência, vem também o poder espiritual para a consecução de tais exigências afora a própria presença de Cristo em nós.

Tomando como exemplo apenas o Sermão do Monte (Mt 5-7) podemos dizer que:

- a) Há uma mudança radical no conceito de felicidade já que agora atitudes arriscadas, a paciência, um desejo pelo céu se fazem presente e não mais o acúmulo de poder, riquezas e glórias deste mundo. Feliz é quem é pobre, quem chora, que é humilhado, etc.
- b) Os mandamentos no Reino não exigem apenas uma pureza externa e socialmente exigida e aceitável, mas as mais íntimas intenções agora importam e podem enquadrar alguém como adúltero, assassino, etc.
- c) O amor aos inimigos surge no horizonte da fé cristã.
- d) Nada menos do que ser perfeito como é o Pai é exigido.
- e) Faça suas boas obras e orações em segredo.

- f) Perdoe sempre e tudo que lhe fizerem como Jesus fez na cruz e Estevão ao ser apedrejado.
- g) Junte tesouros no céu e confie sua vida terrena plenamente a Deus e busque seu reino prioritariamente.
- h) Ande de modo santo e irrepreensível para que possa advertir os outros.
- i) Persevere e insista em oração.
- j) Seja uma boa árvore dando sempre bons frutos.

Talvez tenhamos aqui uma das grandes barreiras e um dos grandes desafios do discipulado: os altos níveis de exigência. Jesus disse que a justiça de seus discípulos deveria ultrapassar a justiça de fariseus e escribas (Mt 5.20) e lança este desafio exatamente no Sermão da Montanha. Boa parte da hipocrisia da qual os cristãos são acusados, brota da intenção de exceder a justiça por seus próprios meios e pelo próprio entendimento. Além do poder espiritual e da presença de Cristo em nós, é necessária a compreensão da Palavra de Deus em seus detalhes e uma boa capacidade de discernimento espiritual para aplicação da verdade em nossas vidas e isto é, também, algo espiritual.

5.5. Sinais e maravilhas diante dos apóstolos

Há grande discussão, principalmente em círculos de igrejas mais históricas e conservadoras sobre o uso e presença contemporânea de dons que levam à prática de sinais e maravilhas. Sabemos, pelo registro das Escrituras, da presença de sinais e maravilhas em tempos diversos da Bíblia como, por exemplo, na saída do Povo do Egito com as pragas e a passagem pelo Mar Vermelho, das batalhas de Josué, durante os ministérios de profetas como Elias e Eliseu, além de visões e sinais nos tempos do Exílico como pelos profetas Ezequiel e Daniel. No entanto, sem dúvida alguma, jamais houve na história tempo que concentrasse tantos milagres, curas, sinais diante de autoridades e incrédulos como no tempo do ministério de Jesus e do que se seguiu com os apóstolos. O final do Evangelho de João revela que os milagres e sinais feitos por Jesus foram tantos que nem todos os livros do mundo poderiam conter (Jo 21.25 – ainda que seja certo que tais maravilhas possam incluir muitos atos de misericórdia, grandes sermões, diálogos inesquecíveis, etc., como

durante o seu ministério ocorreu e sabemos pelo que foi revelado). O apóstolo Paulo narra rapidamente e afirma em alguns momentos que seu ministério também se baseou na operação de sinais e maravilhas (1Co 11-12, 1Ts 1.5).

A presença destes sinais naquele tempo e aparente ausência dos mesmos no nosso tempo são sinal de grade discussão. Há aqueles que defendem a ideia de que sinais e maravilhas não acontecem mais porque tinham como função confirmar o ministério de Jesus e dos apóstolos e autenticar seus ensinamentos que hoje conhecemos pela Bíblia, estes são conhecidos como **cessacionistas**. Os cessacionistas ainda distinguem os dons carismáticos¹ (sinais e maravilhas como curas, adivinhação, previsões, etc.) dos dons ministeriais, que segundo os tais ainda existem, mas são aqueles voltados para a edificação da igreja como ensino, exortação, ensino, administração, etc. Neste sentido afirmam também que os dons do passado e que não mais existem ainda sustentam a igreja pelo seu testemunho e validam o ministério apostólico, ou seja, ainda somos um corpo construído sobre os fundamentos apostólicos. Noutra mão temos os conhecidos como **continuístas**. Os continuístas afirmam que, a exceção dos dons apostólicos, todos os dons ainda estão em pleno vigor na igreja e devem ser praticados e procurados: curas, sinais, maravilhas, línguas, etc. Por fim, teríamos os **universalistas**². Estes afirmam que inclusive o dom de apostolado continua ativo, não na forma dos cessacionistas, mas afirmam que Deus ainda levanta novos apóstolos, mas sobre isto já discutimos anteriormente. Em virtude disto nossa posição é cessacionista.

Os testemunhos daquela geração ainda nos alimentam hoje. Devemos ser a geração dos que não veem, mas creem. No entanto, não dos que creem cegamente, mas confiam nos testemunhos do passado confirmados pelas Escrituras

¹ A palavra dom na Bíblia vem de uma expressão grega que é charismata. Portanto, ao dizermos dons carismáticos poderia soar como carismas carismáticos, uma redundância. Mas em português a palavra carisma também nos leva ao conceito de atraente, inusitado, especial, dinâmico, espiritual e mesmo divino. Esta distinção, com ressalvas como estas, é importante para distinguir de outros dons que aqui chamamos de ministeriais: ensino, administração, consolo, encorajamento, etc.

² Não confundir esta expressão com o universalismo aplicado à soteriologia que afirma que no final, de alguma forma, todos os homens serão salvos já que Cristo morreu por todos de a bondade e o amor de Deus o impedem de condenar aqueles que ele criou. A posição é muito mais complexa do que isto, mas não cabe aqui este assunto.

e pelo testemunho interno do próprio Espírito Santo. Diante dos apóstolos e daquela geração, os sinais eram necessários para que o Messias fosse confirmado, não à toa ele questionava os que viam os sinais e não criam (Jo 6.26).

5.6. Envio e concessão de poder espiritual e autoridade

Já discorreremos sobre Mateus 28.18-20, Atos 1.8 e falamos um pouco da comissão dos setenta e dois discípulos (Mt 9.57-10.20). Em todas Jesus convoca seus discípulos e lhes garante poder espiritual e autoridade para consecução de seus projetos.

Em Mateus 9.57-10.20 a tarefa dos discípulos é abrir caminhos para que Jesus pregasse em determinadas cidades e identificassem as cidades onde não seria recebido em condenação a ela. Para isto foram investidos de autoridade contra os demônios e de sacudir o pó em testemunho contra cidades que não os recebessem bem. Mateus 28.18-20 é uma ordem geral e a tarefa dos discípulos depois da ressurreição e pouco antes da ascensão de Cristo. Atos 1.8 preconiza a chegada do Espírito Santo como esta virtude e poder prometidos. Não é possível ser discípulo e fazer a vontade de Deus se, em primeiro lugar, isto não nos é concedido e, em segundo lugar, não é possível ser discípulos e fazer a vontade de Deus se não somos sobrenaturalmente capacitados para isto.

Os primeiros discípulos de Jesus dispunham da presença física do próprio Jesus, dos ensinamentos de primeira mão e de suas ações diretas ao ensiná-los, ajudá-los e protegê-los. Prometeu a eles que eles teriam Outro Consolador e que jamais os abandonaria. Deus aos seus discípulos dons para execução de sinais e confirmação do apostolado e da mensagem salvadora, as Boas Novas. Ele pôs em suas bocas as respostas e os livrou miraculosamente diversas vezes ainda que, de forma igualmente maravilhosa e sobrenatural, os tenha fortalecido para suportar com dignidade a própria morte. Com poder e autoridade alguns glorificaram a Deus com vidas e palavras impressionantes, ao mesmo tempo em que concedeu poder a outros que o glorificaram com as prisões, castigos, julgamentos, condenações e até mesmo a morte.

É importante notar que a autoridade e o poder que os discípulos tinham levavam aos que os viam a afirmar que tinham estado com Jesus, ou seja, sob seus cuidados e influência (At 4.13).

Para os apóstolos, ter este poder e esta autoridade concedida por Cristo lhes dava ainda mais ousadia e desprendimento, como aconteceu, por exemplo, quando Pedro e João entraram no templo para oração e se depararam com o aleijado pedinte e o curaram por meio deste poder e autoridade (At 3.6).

Esta mesma autoridade foi que os impulsionou a pregar o Evangelho no Império Romano e desejar ir além disto³.

5.7. Chocando com a realidade

Mateus 10.34-42: Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Vim trazer não a paz, mas a espada. Eu vim trazer a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra, e os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho mais que a mim, não é digno de mim. Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Aquele que tentar salvar a sua vida vai perdê-la. Aquele que a perder, por minha causa, vai reencontrá-la. Quem vos recebe, a mim recebe. E quem me recebe, recebe aquele que me enviou. Aquele que recebe um profeta, na qualidade de profeta, receberá uma recompensa de profeta. Aquele que recebe um justo, na qualidade de justo, receberá uma recompensa de justo. Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, porque é meu discípulo, em verdade eu vos digo: não perderá sua recompensa.

Muitos foram os avisos e exemplos dados por Jesus quanto aos desafios e riscos que ser seu discípulo importava sobre aqueles que o seguem. Em alguns momentos a exposição desta verdade foi tão severa que muitos se afastaram dele dizendo que seu discurso era muito duro. Em seus encontros, como com Nicodemus e a Mulher Samaritana, Jesus escancarou suas limitações e seus pecados de modo que

³ Uma das possíveis leituras do livro de Atos dos Apóstolos revela que os apóstolos, liderados por Tiago, não se preocuparam em espalhar a mensagem do Evangelho de Jerusalém à toda Judéia, Samaria e aos confins da Terra. Alguns imputam a Deus um plano orquestrado de usar os falsos religiosos, as circunstâncias religiosas e políticas desfavoráveis, além do próprio Satanás, para espalhar os discípulos pelo mundo. Isto pode ser visto a partir de Atos 8 com Filipe pregando ao etíope e em Samaria, e depois em Atos 10 com Pedro na casa de Cornélio. Esta mesma interpretação afirma que somente o Apóstolo Paulo é quem levou a cabo esta tarefa e por isto tenha sido chamado, como um abortivo (1Co 15.8). Esta visão é ainda mais reforçada quando temos a controvérsia sobre o ingresso dos gentios em Atos 15. Fato que já discutimos anteriormente.

poderia tê-los chocado profundamente. O mesmo se dá conosco neste encontro com Jesus em que descobrimos a nossa natureza pecaminosa, nossas limitações e a realidade da morte e do juízo, ainda que estas nos sejam amenizadas por nossa filiação a Ele.

Muitos têm classificado Jesus como um grande psicólogo (terapeuta, analista). Psicólogos, em tese, são pessoas que têm capacidade de conhecer a alma humana, mas o fazem pelo uso das ferramentas e das teorias que aprendeu e defende, já que há muitas. Nem sempre o psicólogo está envolvido com a tarefa de conhecer seus pacientes (ou clientes) como forma de ajuda-los tanto quanto estão ocupados em que os seus pacientes aprendam mais sobre si mesmo e resolvam seus conflitos emocionais, familiares, profissionais e até religiosos. Geralmente o juízo que avalia a condição de bem-estar de um paciente psicológico é o juízo do próprio paciente. Ou seja, de modo geral, o paciente psicológico está desintonizado consigo mesmo e procura entre equilíbrio, não há da parte do psicólogo a intenção e avaliar ou ajuizar valor na relação. Com Cristo é muito diferente. Em primeiro lugar, ele conhece de fato o coração do homem e todos os seus pensamentos o que faz do seu juízo algo perfeito, profundo e inquestionável. Segundo que Ele o faz baseado em sua própria Lei. Terceiro que ele vê o homem segundo seu pecado e sua condição distante de Deus. Mas também o vê com misericórdia e com poder para transformar e salvar. Isto não o impede, mas pelo contrário, o capacita a tratar o homem de acordo com suas desculpas, e fraquezas, inconstâncias e limitações.

Já estamos no NT, mas vale lembrar as várias tentativas de escapar do chamado de Deus quando lemos a história de Moisés em Êxodo 3 e 4. No NT vemos os fariseus e escribas, além de sacerdotes e saduceus, se escondendo atrás de sua religiosidade, suas interpretações corrompidas da Lei de Deus e seus interesses espúrios na relação com outras pessoas. Eles foram duramente advertidos por Jesus, chamados de hipócritas e de raça de víboras. Neste contexto, disse aos seus discípulos que jamais se contaminassem com o fermento dos fariseus e dos saduceus (Mt 16.5-12). Ou seja, ensinou aos seus discípulos que eles conviveriam com pessoas falsas, perigosas e que poderiam enganá-los e desviá-los do caminho. Esta é uma realidade dura que temos que aprender, já que mesmo na

igreja, ou entre irmãos, existem aqueles que podem esfriar a nossa fé e nos desviar do caminho. Uma dura realidade. Os discípulos devem ter sabedoria para não confiar em qualquer um.

A fraqueza humana dos discípulos e dos que estariam a sua volta também foi tema das palavras duras de Jesus. A parábola do semeador, já comentada anteriormente, mostra como a fraqueza do amor às riquezas, às pressões sociais e de Satanás podem roubar a mensagem do Evangelho dos corações e tornar pessoas improdutivas senão condenadas ao inferno. Os apóstolos, como também já vimos, demonstraram fraqueza em diversos momentos de suas vidas, inclusive em momentos cruciais como no monte da transfiguração, nos debates com os religiosos de então, na captura de Jesus, entre outros momentos. *“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”* (Mt 26.41) é um verso decorado e muito conhecido dos cristãos e levá-lo em consideração é essencial. Vivemos tempos de triunfalismo⁴ intenso e afirmar e reafirmar a fraqueza humana vai contra as correntes atuais.

Jesus em suas palavras também afirmou a inconstância humana e a necessidade perene de seu auxílio e proteção. Nosso maior exemplo de inconstância, sem dúvida alguma, é o apóstolo Pedro. Mesmo depois do Pentecostes e de ter liderado o grupo apostólico, Pedro parecia temer os da parte de Tiago na questão da circuncisão (Gl 2.12-14). Jesus sabia e antecipou para o próprio Pedro que este o negaria naquela noite. O apóstolo Paulo não pode ser acusado de inconstância, mas o orgulho dele poderia roubar a glória de Deus, já que Paulo era muito usado por Deus de modo extraordinário. Pedro encarou momentos de vergonha e arrependimento e Paulo um espinho na carne, um mensageiro de Satanás (2Co 12.7).

Sem mim nada podeis fazer, disse Jesus no Evangelho de João 15.5. Ele jamais afirmou que os discípulos teriam poder por si mesmo, mas que o teriam se

⁴ Por triunfalismo aqui entendemos as palavras e atitudes que tratam, falam ou afirmam a vitória cristã sem muita luta, sem santidade e sem esforço. O triunfalismo é também uma forma de vitória humana e despida de qualquer intenção de glorificar a Deus.

porventura permanecessem ligados a Ele por meio da fé e da obediência. Esta é outra dura realidade, sendo de carne e osso, nossas reais possibilidades neste mundo tenebroso são praticamente nulas. Paulo quando afirma que *"não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais"* na carta aos Efésios 6.12, aprofunda ainda mais a questão porque mostra que nossa luta é contra um inimigo antigo e estulto. Ele ruga a nossa volta querendo nos tragar com um leão feroz (1Pe 5.8). Mas não somente Satanás se opõe a nós com força e poder de destruir. As autoridades deste mundo também o podem fazer, como já fizeram e como tem feito. Os apóstolos tiveram grandes dificuldades com os religiosos de seu tempo e com as autoridades romanas. O próprio Jesus enfrentou estas dificuldades quando foi acusado falsamente pelos judeus e executado por Roma. O apóstolo Paulo compareceu diversas vezes diante de autoridades e passou seus últimos dias preso e dando e prestando satisfações diante de autoridades romanas, que também o executaram.

Jesus sempre deixou claro aos seus discípulos sobre as dificuldades consigo mesmos, com falsos irmãos e com o Diabo. Mostrou que o mundo a nossa volta é hostil e que lutamos, por vezes, contra nós mesmo, já que nem mesmo o nosso interior se entrega facilmente a vontade de Deus (Tg 4.1).

5.8. Repreendendo e encorajando

A tarefa de repreender é uma tarefa difícil e que pode surtir efeitos contrários. Já em Provérbios somos ensinados a não repreender qualquer um sob a condição de arrumarmos problemas (afrontas) para nossas vidas (Pv 9.7-8). No entanto, o mesmo contexto diz que repreender o sábio será amado por ele, já que tem prazer na verdade e em viver de acordo com a vontade de Deus tendo prazer em aprender a cada dia o que é certo e que agradável. O encorajamento, por sua vez, é um dom previsto no NT e facilmente confundido com a repreensão, que o dom de exortar (Rm 12.8) sendo aconselhado aos que o fazem a serem dedicados a isto, haja vista que cristãos sinceros, por passarem por lutas e provações constantes, precisam

sempre de encorajamento, fortalecimento e apoio por palavras e obras. Jesus não era diferente, o modelo e o padrão vêm dele.

Os filhos do trovão foram repreendidos por desejarem a morte de samaritanos por se oporem a uma visita de Jesus. Repreendeu Pedro como a um endemoniado quando este quis se interpor entre Jesus e sua missão salvadora por meio de sua própria morte. Jesus se queixou quando os discípulos mostraram dificuldades de entender suas palavras e suas parábolas.

Os discípulos foram encorajados ao serem chamados e receberão instruções que não apenas tratavam de suas obrigações, mas das esperanças do céu, da presença constata de Jesus e de livramento ou vitória nas lutas, perseguições, etc., no entanto, Jesus não os poupava quando erravam e muitas vezes se mostrou desapontado com suas vidas, com suas conclusões enganosas e com sua lentidão de aprendizado.

Devemos, no entanto, fazer uma distinção entre a repreensão feita por Jesus aos seus discípulos e apóstolos em relação ao tipo de repreensão que ele fazia aos religiosos, representados, sobretudo, por fariseus, saduceus e escribas. Os primeiros erravam no exercício da sua fé cristã e do discipulado, em função de sua condição ainda caída de pecadores, mas também de sua inexperiência, das dificuldades de compreender algo tão elevado quanto a vida espiritual e, até mesmo, do excesso de vontade de servir, mas sem o devido discernimento. Os religiosos, dos quais Jesus tanto se queixava, eram cegos por conveniência, negavam descaradamente a verdade e o perseguiam sem motivo. O conhecidíssimo, mas muito mal interpretado texto de João 5.39, que diz: *“Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito”*, é um retrato fiel de aqueles homens eram deliberadamente incapazes de conhecer a verdade por estarem fechados para ela.

5.9. Suportando a lentidão no aprendizado

Lucas 24.13-49: Naquele mesmo dia, dois deles estavam indo para um povoado chamado Emaús, a onze quilômetros de Jerusalém. No caminho, conversavam a respeito de tudo o que havia acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles; mas os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo. Ele lhes perguntou: "Sobre o que vocês estão discutindo enquanto caminham?" Eles pararam, com os rostos entristecidos. Um deles, chamado Cleópas, perguntou-lhe: "Você é o único visitante em Jerusalém que não sabe das coisas que ali aconteceram nestes dias?" "Que coisas?", perguntou ele. "O que aconteceu com Jesus de Nazaré", responderam eles. "Ele era um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo. Os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram; e nós esperávamos que fosse ele que ia trazer a redenção a Israel. E hoje é o terceiro dia desde que tudo isso aconteceu. Algumas das mulheres entre nós nos deram um susto hoje. Foram de manhã bem cedo ao sepulcro e não acharam o corpo dele. Voltaram e nos contaram que tinham tido uma visão de anjos, que disseram que ele está vivo. Alguns dos nossos companheiros foram ao sepulcro e encontraram tudo exatamente como as mulheres tinham dito, mas não o viram". Ele lhes disse: "**Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?**" E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras. Ao se aproximarem do povoado para o qual estavam indo, Jesus fez como quem ia mais adiante. Mas eles insistiram muito com ele: "Fique conosco, pois a noite já vem; o dia já está quase findando". Então, ele entrou para ficar com eles. Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu a eles. Então os olhos deles foram abertos e o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles. Perguntaram-se um ao outro: "Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?" Levantaram-se e voltaram imediatamente para Jerusalém. Ali encontraram os Onze e os que estavam com eles reunidos, que diziam: É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão! Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como Jesus fora reconhecido por eles quando partia o pão. Enquanto falavam sobre isso, o próprio Jesus apresentou-se entre eles e lhes disse: "Paz seja com vocês!" Eles ficaram assustados e com medo, pensando que estavam vendo um espírito. Ele lhes disse: "**Por que vocês estão perturbados e por que se levantam dúvidas em seus corações?** Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho". Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. E por não crerem ainda, tão cheios estavam de alegria e de espanto, ele lhes perguntou: "Vocês têm aqui algo para comer?" Deram-lhe um pedaço de peixe assado, e ele o comeu na presença deles. E disse-lhes: "Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos". **Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras.** E lhes disse: "Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas. Eu lhes envio a promessa de meu Pai; mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto".

Já nos referimos anteriormente sobre esta lentidão no aprendizado dos discípulos e de como algumas situações permaneceram e novas situações surgiram (a inconstância de Pedro, o problema do ingresso dos gentios, as disputas internas da igreja entre o grupo de Tiago e o grupo de Paulo, etc.).

Jesus não deixava de se referir à lentidão de seus discípulos, mas isto nunca o desanimou de ensinar e buscar o crescimento dos discípulos e, mesmo quando os discípulos demonstrava lentidão de aprendizado e percepção das coisas, ele se mantinha ensinando e encorajando seus discípulos.

"Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?"⁵ – esta é uma das declarações de Jesus no contexto. Jesus questiona a resistência em entender algo que estes discípulos deveriam saber muito bem. Como judeus eram ensinados a respeito do Messias desde o berço. No entanto, não conseguem associar os duros acontecimentos das últimas horas e parecem estar voltando desolados para a casa. Era hora de crer e aguardar a promessa da ressurreição. De forma alguma eles conseguiam se imaginar como testemunhas daquilo que todo Israel aguardava há séculos. A lentidão neste caso é resultado de uma recusa em aceitar fatos tão intensos e tão ruins, mas Jesus se põe novamente a explicar cada detalhe de tudo para estes finalmente possam entender.

"Por que vocês estão perturbados e por que se levantam dúvidas em seus corações?" - são outras palavras de Jesus a estes discípulos relutantes. As dúvidas podem servir a bons e maus propósitos. Quanto aos maus, as dúvidas podem ser paralisantes ou mesmo afastar os que duvidam do caminho. Jesus louvou aqueles que não viram, mas creram. A incredulidade é também reforçada e alimentada pela

⁵ Não sabemos exatamente quem são os discípulos no caminho de Emaús, mas a tradição nos informa que eram Cleófas e Maria. Vamos aceitar a proposta de que sejam Cleófas (Lc 24.18) e sua mulher, Maria (cf. Jo 19.25). Temos então um casal triste abandonando a comunidade em Jerusalém, voltando desanimado para casa em Emaús, trilhando o caminho que os afasta de Jesus e de seu mistério, vivenciado na paixão e morte do Messias esperado. Muitas dúvidas e questões na cabeça. Por que ele era tão fraco a ponto de nossas autoridades o prenderem e o matarem? E já se passaram três dias e nada acontece! Mesmo na comunidade não encontram respostas. "A ele mesmo ninguém viu!" (Lc 24,24).

dúvida. Quanto aos bons motivos, as dúvidas podem ser aquele fator a conduzir a frente na busca de respostas e soluções, de questionamentos que podem produzir boas respostas e soluções. Estes discípulos estão, com diz texto, perturbados. Questionavam o porquê de tudo aquilo, qual o sentido de uma morte tão cruel, como um sonho podia ter ido embora tão cedo, mas parecem não se lembrar das palavras mais profundas e ditas pelos próprio Jesus naqueles últimos dias avisando que ele ressuscitaria. Jesus não os condena pela dúvida, mas apesar de sua tristeza com esta resistência, mais uma vez ele se posiciona para ajudar e explicar novamente o que já havia sido dito anteriormente tantas vezes.

“Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras” é a conclusão da passagem. Seus corações queimaram quando ouviram Jesus, mesmo assim foi difícil para eles compreenderem, mas Jesus lhe abriu o coração. É assim que a vida espiritual acontece, sem a presença e apoio de Jesus ao abrir nossos corações não é possível crer e entender as Escrituras.

Não é possível pensar o discipulado sem erros, lentidão e dúvidas, mas temos no mestre Jesus a forma de tratar: compaixão, paciência, ensino constante e tantas repetições quanto foram necessárias.

5.10. Delegando e confiando sem temor

Delegar tarefas é parte do discipulado também. O discipulado pode, em certo sentido, ser dividido em quatro fases: eu faço e você vê, eu faço com você, você faz e eu vejo e, você faz sozinho. Esta ultima fase poderíamos

chamar de delegar. Ou seja, um caminho no qual o discípulo após testemunhar seu mestre ou discipulador faz, depois de fazer acompanhado de seu mestre, de fazer supervisionado pelo seu mestre, ele deverá ser capaz de (re)produzir por conta própria. Já citamos diversas vezes a promessa e o fato da companhia eterna de Jesus com os seus, a presença do Espírito capacitando com sua presença e dons espirituais a vida dos discípulos, e não discorreremos a este respeito novamente, mas enfatizaremos a delegação da tarefa de pregar, viver e testemunhar o Evangelho.

A vida de Jesus foi exemplo de oração (com muitos destaques no Evangelho de Lucas), uma vida cercada de boas obras, uma vida de contato constante com pessoas a quem o Evangelho deveria ser pregado, além de uma vida de oposição e luta contra a falsa religião e as obras satânicas e todos os seus respectivos representantes. Jesus, por exemplo, deixou a encargo dos seus discípulos o cuidado do pobres porque, segundo ele, sempre os teriam por perto (Mt 26.11). Em Mateus 28.18-20, Marcos 16.15-18, Atos 1.8 vemos que Jesus delegou a tarefa de pregar o evangelho, ensinar, batizar, testemunhar em todo o mundo.

Quando estudamos o esquema criação + queda + redenção + consumação, aprendemos a fazer uma leitura de todas as fases da vida humana caída e regenerada por Cristo a partir deste esquema. Todas as áreas de nossa vida foram atingidas pelo pecado e deverão ser restauradas por Cristo. Em Gênesis vemos que originalmente o homem recebeu o que chamamos de mandatos, ou seja, ordens explícitas de Deus para cuidar e se relacionar com sua criação. Deus ordenou que se casassem e procriassem para encher a terra, exercessem domínio sobre as criaturas, o trabalho e o descanso semanal, não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta última parece mais circunstancial e somos impedidos dela agora de qualquer forma. Estas ordenanças chamamos ou conhecemos com mandatos. E podemos falar de três mandatos: **Mandato espiritual**, social e cultural. **Mandato Espiritual:** Este mandato envolve um relacionamento com o Deus que nos deu a Sua imagem (Gn 1.26). Uma paz entre Ele e suas criaturas, o qual, também, estabeleceu um dia de descanso de nossas obras para dedicarmos inteiramente a Ele em santidade. **Mandato Social:** Este mandato que envolve um relacionamento, não só com Deus, envolve com a família que por Deus fora criada. Este mandato envolve a liderança dos pais em saber guiar as suas famílias, segundo a ordem de Deus. **Mandato Cultural:** Este terceiro, e ultimo mandato, é um envolvimento com a sociedade. Você, assim como eu, já deve ter ouvido falar de que todos os nossos relacionamentos com aspectos culturais fossem seculares e nosso relacionamento com Deus espiritual. Este mandato envolve questões políticas, educação, artes, lazer, tecnologia, indústria e o cuidado da natureza como parte de toda a criação e como meio onde o mais se realiza. A queda

do homem está relacionada ao declínio e fracasso de toda esta ordem, ou de todos estes mandatos. Em Cristo somos chamados a recuperar toda estas dimensões e entendemos que o discipulado envolve isto no nível do conhecimento e no nível da ação.

O apóstolo Paulo nos mostra como em Cristo tudo isto deve voltar a sua ordem e como Cristo delega esta tarefa ao homem regenerado. Abaixo reproduzimos o texto do site www.napec.org:

Novo relacionamento com Deus (Efésios 4.17 – 5.1-21)

Nesta divisão Paulo nos mostra como devemos ser e o porquê viver de forma digna, por exemplo: *“Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade.”* (Ef 4.22-24). Fomos resgatados para despirmos do velho homem, pois somos a imagem de Deus. Em Cristo este relacionamento foi reconciliado por intermédio de Seu sangue derramado na cruz em favor de Seu povo. O pecado que fazia separação fora pago por Cristo, logo, Deus não está mais irado conosco. Por isso que Paulo admoesta aos crentes que vivamos antiteticamente: *“deixe a mentira, mas fale a verdade; Irai-vos e não pequeis; se furtava não furte mais mas trabalhe; não saia palavra torpes da boca mas só boas para a edificação.”* (4.25-29). E como imagem de Deus, devemos imitar a Deus, como filhos amados (5.1), produzindo frutos que provem de Deus ao contrário das obras das trevas, vivendo cheio do Espírito Santo, como diz Erasmus Sarcerius: *“Ser cheio do Espírito Santo é uma forma particular e uma manifestação do andar prudente, pelo qual a salvação, juntamente com as obras da luz, é preservada (...).”* Sendo assim, somente após a redenção e reconciliação que Cristo fez, podemos ter paz com Deus e tentar cumprir o Seu mandato, nos separando para servi-lo a cada dia e guardando o Dia do Senhor, como um dia santo dedicado totalmente a Ele.

Novo relacionamento com nossa família (5.22- 6.1-4)

Aquilo que foi perdido na Queda no Éden, Paulo admoesta que deve voltar ativa no casal cristão. A mulher deve ser submissa ao marido porque ele é o cabeça constituído por Deus desde o Éden, ofício este que o homem não exerceu deixando a mulher ser enganada, e assim, pecando (1 Tm 2.14). Assim como Cristo é o cabeça da Igreja o marido deve ser o da esposa. O esposo deve amar sua esposa como Cristo amou a igreja se entregando por ela e amando como se fosse o próprio corpo. [...] Um casamento desestruturado é aquele em que há disputas e lutas sobre quem está no poder, e assim, nenhum dos cônjuges cumpre o seu papel. Por isso que Paulo diz: *“Portanto, cada um de vocês também **ame a sua mulher** como a si mesmo, e a **mulher trate o marido com todo o respeito.**”* Efésios 5.33 (ênfase acrescentada). Os filhos devem obedecer a seus pais de forma justa, no Senhor, pois isto é obedecer ao quinto mandamento que é o primeiro mandamento como promessa: *“honra teu pai e tua mãe”* (6.2; cf. Ex 20.12). Os pais devem amar seus filhos, mas não se esquecer da disciplina aplicada com amor e ensinando a temer a Deus e ensinados a rejeitar suas inclinações naturais.

Novo relacionamento cultural (6.5-9)

O fato de Cristo ser o nosso cabeça isso não quer dizer que não devemos obedecer outra autoridade. Paulo nos mostra que o servo cristão deve ser obediente aos seus senhores que são segundo a carne, em sinceridade de coração como se obedecesse diretamente a Cristo. O servo cristão deve servir ao seu senhor não com o fim principal de agradar aos homens, mas como servos de Cristo servindo de boa vontade. A ambição (pecaminosa) que permeava a edificação da torre de babel não deve existir entre o servo cristão e seu senhor, pois o servo deve trabalhar para a glória de Deus. Assim, o senhor deve respeitar ao seu servo não como respeitando à vista, deixando as ameaças de lado. Pois acima deste senhor há um Senhor que tem um nome que é acima de todo nome, o qual não faz acepção de pessoas. *E, como ainda diz o apóstolo em outra carta: "Por isso, a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus" (Romanos 8:19). Ou seja, tudo que foi criado aguarda na manifestação dos filhos de Deus a sua própria restauração*⁶.

Conclusão

Só em Cristo podemos restabelecer aquilo que Deus ordenou às suas criaturas, podendo ter um relacionamento sincero com Deus. E assim, tendo um relacionamento com Deus, os outros tendem a ser restabelecidos: Uma família que serve a Deus em seus relacionamentos, bem como os servos que glorificam a Deus servindo ao seu senhor como se fosse a Cristo, pois não podemos ter em mente este dualismo: Sagrado e secular. Sagrado é tudo aquilo que é espiritual e secular aquilo que não é espiritual. Mas não é isso que a Bíblia nos diz, pois em tudo que fomos fazer, fazemos para a glória de Deus Pai.

Sobre demais detalhes das tarefas dirigidas e confiadas aos discípulos já falamos anteriormente. Fica a ênfase de que muitas responsabilidades nos foram delegadas por Cristo que demonstra alguma confiança em nós de que cumprimos a sua vontade.

5.11. A ordem de fazer novos discípulos

Temos apenas quatro ocorrências em que a palavra discípulo ou discipulado vem na forma verbal de fazer discípulos: Mateus 13.52; Mateus 27.57; Mateus 28.19; Atos 14.21.

Nem todas elas são tão claras em português, como no caso de Mateus 13.52 que NVI aparece assim: *Ele lhes disse: "Por isso, todo mestre da lei **instruído** (mateuteis = tendo sido discipulado ou instruído) quanto ao Reino dos céus é como*

⁶ A última frase em itálico é nossa para complementar a nossa ideia de que desde a criação foi delegada ao homem e que não podemos esquecer que Jesus delegou a tarefa de pregar, batizar e ensinar outros discípulos sem, contudo, esquecer, rejeitar ou negar as demais obrigações e responsabilidades assumidas desde a criação.

o dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas". Esta não é evidentemente nosso foco em questão. Mateus 27.57 também está na mesma situação. A NVI diz: "Ao cair da tarde chegou um homem rico, de Arimatéia, chamado José, que se tornara discípulo (*ematheteuthe – que foi discipulado*) de Jesus".

Sobre Mateus 28.19 já temos discorrido bastante e ainda abordaremos ao final do trabalho com o texto do Professor Dr. Carl Bosma. No caso de Atos 14.21, a NVI apresenta o texto como segue: "Eles pregaram as boas novas naquela cidade e fizeram muitos discípulos (*matheteusantes – fizeram discípulos*). Então voltaram para Listra, Icônio e Antioquia".

Estes dois casos são os que nos interessam. No caso de Mateus 29.19 temos uma ordem declarada de Jesus que é o padrão a ser seguido conforme estamos propondo. No caso de Atos 14.21 vemos os discípulos agindo e obedecendo o que Jesus ordenou.

Paulo e Barnabé estavam apenas no início de sua missão e muitos fatos rodearam e fizeram daquela primeira viagem algo impactante. Eles pregaram, sofreram oposição, quase foram alvo de idolatria, Paulo foi apedrejado pela multidão e foi tido como morto, mas mesmo assim deixou (deixaram) muitos discípulos em Derbe. O circuito missionário naquelas cidades lhes foi um grande desafio.

Ainda que o NT não nos traga diversos versos que enfatizem a necessidade de fazer discípulos, é pela grandeza da mensagem de Jesus em Mateus e pela atitude posterior de pregação dos discípulos, sobretudo de Paulo, que vemos a ordem com um padrão a ser seguido.

5.12. Sigam o Profeta! Sigam o Sacerdote! Sigam o Rei!

O discipulado também tem relação direta com os ofícios de Cristo. A Teologia resumiu os ofícios de Cristo como sendo profeta, sacerdote e rei. O profeta é aquele que comunica a vontade de Deus, ou seja, aquele que transmite a Palavra de Deus e Sua vontade ao povo. O sacerdote é um intercessor, como no caso do AT, ou seja,

aquele que oferece sacrifícios e ofertas a Deus em nome do povo. No caso de Jesus ele é também a própria oferta (Jo 1.29). Como rei ele é peculiar já que seu Reino não foi expresso da forma como os discípulos e os judeus da época aguardavam, mas ele é rei de um Reino que não é deste mundo (Jo 18.36). Jesus reivindica cada um destes títulos nos Evangelhos e atrela a relação dos discípulos a cada um destes ofícios. Conhecer a Jesus é fundamental para a vida de um discípulo.

Hoje em dia há muita literatura a respeito de Jesus e sua pessoa é referenciada em diversas religiões, filosofias religiosas e nas áreas psicológicas. Isto faz com que, infelizmente, cada área diferente do conhecimento humano tenha uma visão diferente, e muitas vezes contraditória, de quem é Jesus. Ninguém mais em sua consciência duvida de sua existência, ainda que muitos afirmem que o Jesus dos Evangelhos é uma construção religiosa tardia de um homem que foi excepcional no primeiro século, mas que não foi Deus e nem mesmo ressuscitou. Outras religiões, como o islamismo, por exemplo, aceitam com facilidade que ele tenha sido um profeta, mas mesmo neste aspecto ainda o veem com um grande profeta, mas não como Deus ou como o Filho de Deus. Muitos olham Jesus sob o olhar de um grande mestre da vida e grande conhecedor do coração humano e capaz de exercer grandes atos de misericórdia e amor, mas negam que seja o Deus que salva e pune os pecadores que nele não creem. Entre tantas tarefas de um discípulo está a de conhecer Jesus e saber como segui-lo não se deixando levar por outras versões a respeito de quem Jesus é.

Como profeta, Ele é detentor de toda a verdade. Ele mesmo diz isso no Evangelho de João que o que dizia não era dele mesmo, mas o que ouvira do Pai (ver Evangelho de João 5.31-6.13). Ele é também aquele profeta prometido desde a antiguidade a quem o povo ouviria (Dt 18.15). Infelizmente os judeus contemporâneos de Jesus não foram capazes de ver e reconhecer o cumprimento desta profecia (Jo 1.12). Os discípulos são aqueles que de fato reconhecem isto em Cristo, ou seja, o profeta enviado de Deus com suas Palavras⁷.

⁷ Jesus é o Logos de Deus, ou o verbo de Deus. Não é apenas um jogo de palavras, mas implica na realidade de que a Palavra de Deus está em meio a nós, viva, ativa, comunicadora e transformadora.

Como sacerdote ele exerce dupla função: do sumo sacerdote e do próprio cordeiro. João Batista afirmou isto quando o viu em João 1.29: "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Jesus cumpre em si toda a justiça de Deus. Um homem perfeito, ou seja, sem pecado, é oferecido do lugar de toda a humanidade como sacrifício único, suficiente e definitivo. Em João 17, para citar apenas um exemplo no mesmo contexto e Evangelho, por meio de sua oração, Jesus demonstra que intercede com todo amor e coração pelos seus discípulos. Neste sentido, os discípulos têm com ele um duplo sentimento e responsabilidade. A gratidão esperada por tão grande salvação e substituição vicária. Noutro sentido por ser Ele nosso intercessor constante diante de Deus a nos livrar e perdoar. Assim, somos convocados a evitar e abominar o pecado enquanto também rogamos aos homens que abandonem seus pecados e se apeguem a Cristo, nosso Cordeiro que tira o pecado do mundo e nosso Sumo Sacerdote. Além do Evangelho de João, o livro de Hebreus também ressalta o sumo sacerdócio de Cristo (Hb 8.1-13).

5.13. Jesus não seria um líder contemporâneo bem visto

A literatura cristã e evangélica está repleta de livros falando de sucesso, empreendedorismo eclesial e valores que soam muito mais comerciais do que realmente cristãos. Já vimos e falamos muitas coisas do discipulado até aqui e da maneira como Jesus chamou, preparou e enviou os discípulos. Muitos dos seus conceitos, se aplicados hoje, fariam com que muitos dos *papas* da liderança atual gemessem de dor e descontentamento.

Hybels (São Paulo: 2008, pág. 8-20) mostra o contraste entre os valores aplicados por Jesus em seu ministério e os valores que muitos defendem hoje. Vale a pena mencionar alguns deles aqui.

Para começar, ele não convocou uma equipe de pessoas altamente selecionadas, pelo contrário, seus discípulos estavam entre os mais indoutos e socialmente rejeitados. Os princípios atuais de liderança exigem que somente os melhores tenham vez, os mais capacitados e os mais diplomados. Jesus escolheu pessoas que pudessem ser transformadas e que pudessem descobrir que podem

ser usadas por Deus. Deu a elas tempo para preparo, tolerou seus erros e os ensinou com insistência.

Jesus não aproveitou seu período de grande popularidade para se autopromover ainda mais. Era comum que ele se retirasse para orar, ou seja, ele tinha longos momentos de solidão e de distanciamento da multidão (Mc 1.35). Vimos, também, que em determinado momento de sua vida e ministério, passou a pregar sermões e usar expressões que, de tão duras, afastaram e assustaram muitas pessoas. Deste modo, o seu ciclo de discípulos ficou limitado a alguns poucos homens e mulheres. Ele não divulgava na imprensa seus milagres, mas pelo contrário, pedia aos curados que guardassem segredo ou que, no máximo, se apresentassem aos sacerdotes para que a cura fosse confirmada (Mc 1.41-44).

Jesus não evitava conflitos e controvérsias a todo custo. Os líderes de hoje que sempre dialogam para evitar conflitos. Jesus, pelo contrário, fazia milagres e outras coisas no sábado, o que era detestável e condenável pelas tradições judaicas da época. Ele também usava vocabulário duro com seus adversários e por vezes até se recusou a responder perguntas (Mt 23). Não investia seu tempo de trabalho apenas em treinamento, mas o gastou também com crianças, o que seria, aos olhos daquele tempo, a mais completa perda de tempo (Mc 10.13, Lc 18.16). Não era conivente com a vida de pessoas que poderiam investir pesadamente em seu ministério como no caso do jovem rico que foi embora muito triste (Mt 19 – quem desprezaria um potencial investidor hoje em dia?). Usou o chicote na limpeza do tempo – que líder exageraria tanto assim hoje? (Jo 2.13-25). No Getsêmani permitiu que os discípulos vissem sua fraqueza e que, aparentemente, tudo que investira até então parecia estar indo por água abaixo, uma vez que ele estava para morrer e sofria muito pela proximidade daquele momento fatídico e terrível, ou seja, era uma péssima propaganda, um homem fraco antevendo uma grande derrota (Mt 26.36-46).

Os valores do reino sem dúvida alguma contrastam profundamente com os valores do mundo de hoje e, também, da igreja. No entanto, a igreja tenta ser atrativa para os de fora, o que não seria nenhum problema, se porventura não

negociasse com seus valores espirituais dando mais glória ao homem, às riquezas e a aparência deste mundo do que a Deus.